



**Flirede**  
FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL



**4ª FLIREDE**  
**FESTA LITERÁRIA DA**  
**REDE ESTADUAL**  
PEDRO AMÉRICO DAS  
TELAS ÀS PÁGINAS:  
180 ANOS DE  
HISTÓRIA



SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO**  
**DA PARAÍBA**

**GUIA DE**  
**ORIENTAÇÕES**  
**PEDAGÓGICAS**



**FLirede**  
FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL

#### 4ª FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL (FLIREDE)

Pedro Américo das telas às páginas: 180 anos de história

#### GUIA DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

João Pessoa

2023/2024

# EXPEDIENTE

**João Azevêdo Lins Filho**

*Governador*

**Lucas Ribeiro Novais de Araújo**

*Vice-governador*

**Antonio Roberto de Araújo Souza**

*Secretário de Estado da Educação*

**Maria Elizabete de Araújo**

*Secretária Executiva de Gestão Pedagógica*

**Pollyana Loretto Meira**

*Secretária Executiva de Administração, de Suprimentos e Logística*

**Eriovaldo Alves da Silva**

*Secretário Executivo de Cooperação com os municípios*

**Antonio Guedes Rangel Junior**

*Presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba*

#### Equipe editorial e revisão

#### Coordenação da 4ª Flirede

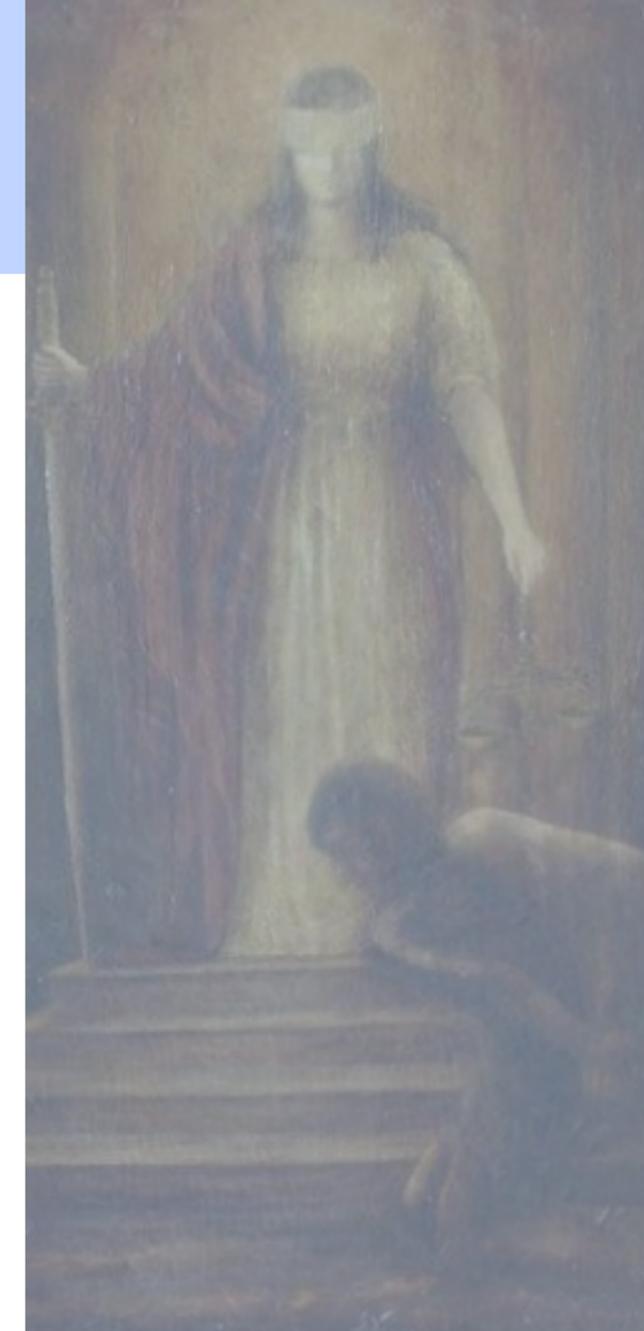
Tiago Dantas Germano  
Lanna Rúbia Figueiredo Bezuska  
Jussara Ventura dos Santos  
Ana Lúcia da Silva Souza  
Ádalla Ramos de Lima

#### Oficineiros

Dapheny Day Leandro Feitosa  
José Casimiro Gomes  
Lohanna Letícia da Silva Oliveira  
Nadezhda Bezerra Batista

#### Design e diagramação

André Vinicius Laurito Barbusci



# APRESENTAÇÃO



**Caros professora e professor,**

A Festa Literária da Rede Estadual (**Flirede**) foi instituída por meio do Decreto nº 40.002/2020, com o objetivo de incentivar a leitura literária nas escolas da Rede Estadual de Ensino da Paraíba, fortalecendo os vínculos culturais e afetivos com a produção literária local. Uma atividade de incentivo ao protagonismo dos estudantes através da produção literária, conforme os critérios de competência da política educacional para o século 21.

Mas o objetivo da **Flirede** não se restringe ao incentivo à leitura literária no cotidiano das escolas pertencentes à Rede Estadual da Paraíba, vai muito além disso. É uma forma de prestigiar as competências socioemocionais dos estudantes, ampliando as possibilidades de integração das bibliotecas ao dia a dia escolar e social, por intermédio de atividades interdisciplinares, já que a escrita e a leitura permeiam o fazer pedagógico de todas as disciplinas.

Este **Guia de Orientações Pedagógicas e Manual para Bibliotecas Escolares** que chega até você traz um conjunto de informações sobre a vida e a obra do multiartista paraibano Pedro Américo, tema da quarta edição da **Flirede**, contando ainda com sugestões de como trabalhar a temática em sala de aula de modo a preparar os estudantes, e vocês se prepararem também, para os concursos literários da festa.

Será Pedro Américo somente o artista imortalizado por suas pinturas feitas para a Monarquia e para a República, como o muito lembrado *Independência ou morte* (1888)? Vamos, juntos, refletir sobre essa e outras questões. Aqui você também encontrará uma seleção de obras que podem ser trabalhadas em sala de aula, dicas de atividades literárias, trabalhos de outras linguagens artísticas que dialogam com o universo de Pedro Américo, bem como uma bibliografia que auxiliará no aprofundamento de suas pesquisas.

Além disso, o documento traz também um Manual para Bibliotecas Escolares repleto de orientações valiosas, que vai auxiliar o trabalho de quem exerce funções nas bibliotecas das escolas da Rede Estadual, tornando-o mais fluido e prazeroso. Contempla temas de suma importância para um dos focos da **Flirede** numa época em que o advento da inteligência artificial gera inúmeras discussões sobre originalidade e autoria no campo da arte: o combate ao plágio, um crime de violação dos direitos autorais previsto no artigo 184 do Código Penal. O Manual complementa o texto da edição anterior, com instruções para a funcionalidade das unidades de informação, como a elaboração de catálogo, arranjo do acervo, e o sistema de empréstimo.

A Biblioteca Escolar tem como missão, além do incentivo ao desenvolvimento do aluno como leitor pleno, auxiliar o corpo de professores no desenvolvimento das habilidades dos estudantes nas mais diversas áreas do conhecimento. Ela é praticamente uma extensão da sala de aula e, para tanto, precisa estar alinhada com a proposta pedagógica da escola.

A 4ª Flirede conta com a realização de oficinas sobre leitura e escrita literária para professores e estudantes; concursos literários, com a publicação de livros com as produções literárias vencedoras de professores e alunos; eventos literários nas escolas; e ações formativas nas bibliotecas. Que esse material seja um norteador para a realização de todas essas atividades!

**A coordenação**



## ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

## Quem foi Pedro Américo?

# PEDRO AMÉRICO EM SALA DE AULA

Pedro Américo (1843-1905) foi um paraibano nascido em Areia (na região do Brejo, a 93 km da capital João Pessoa) e é considerado por muitos um dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos, pela versatilidade de sua obra (**além de artista visual, caricaturista, foi romancista, poeta, arquiteto, arqueólogo, sociólogo, professor, filósofo, doutor, ecologista, político, parlamentar, entre outras atividades**) e pelo seu reconhecimento internacional (com mais de 300 artigos publicados sobre sua obra em países da Europa, como Itália e Alemanha).

Sua história começa há 180 anos, quando em 29 de abril de 1843 nasceu no interior da Paraíba Pedro Américo de Figueiredo e Melo, filho de um casal de poucos recursos, que sobrevivia do comércio, sendo a mãe Feliciano Cirne e o pai Daniel Eduardo de Figueiredo, tendo futuramente como irmão o também artista Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo (1854-1916). Menino-prodígio, o pequeno Pedro aprendeu música com o pai, que também era violinista e o introduziu ainda as noções de desenho, apresentando-lhe livros de artistas célebres.

Aos nove anos, em 1852, foi descoberto por Louis Jacques Brunet, um naturalista francês que passava pelo Nordeste numa expedição científica e ficou admirado com a habilidade do menino Pedro em transpor para o desenho, com traços realistas, objetos que lhe eram colocados de frente. Pedro Américo foi então convidado para acompanhar a expedição e, aos onze anos, chegou à Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), no Rio de Janeiro, munido de diversas cartas de recomendação. Sem poder assumir de imediato seu posto devido à pouca idade, passou uma temporada no Colégio Pedro II, na





capital fluminense, estudando latim, francês, português, aritmética, desenho e música.

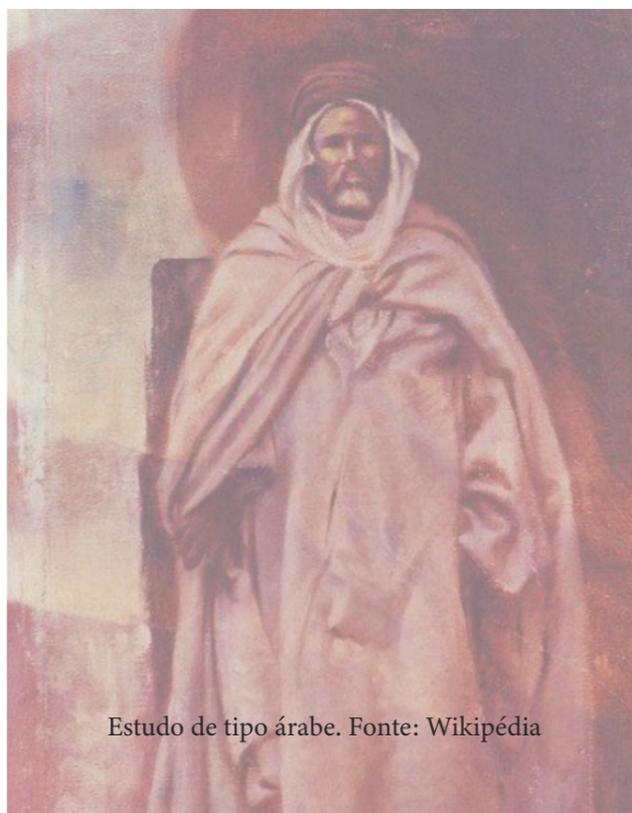
Em 1956, com treze anos, ingressou no curso de Desenho Industrial da AIBA e conquistou 15 medalhas em desenho, geometria e modelo vivo, o que lhe rendeu na instituição o apelido de “**Papa medalhas**”, tendo obtido do imperador Dom Pedro II uma pensão para aperfeiçoar sua arte na Europa. Mudou-se para Paris, na França, mas antes de embarcar manifestou uma doença diagnosticada como “cólica do chumbo”, um tipo de intoxicação resultante de seu contato com as tintas que utilizava, e que lhe acompanhou por toda a vida, até a morte em decorrência do mal.

Na metrópole francesa, **estudou física e arqueologia, e bacharelou-se em Ciências Sociais na famigerada Sorbonne**, aprofundando-se também nos campos da arquitetura, teologia, literatura e filosofia. Viajando pela Europa, ainda muito jovem, em 1865, enfrentou dificuldades financeiras, tendo chegado a sobreviver a um naufrágio e passado fome longe de casa, trabalhando como desenhista do governo francês e publicando, em língua estrangeira, **o romance O Holocausto** (traduzido para o português mais de vinte anos mais tarde, em 1882).

No Brasil, a fama do “Papa medalhas” se espalhava: recebeu medalha de ouro da Academia Imperial pela tela *A Carioca* e, em 1868, soube-se da notícia de que obteve o grau de doutor em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Bruxelas, na Bélgica, tendo sido aprovado com mérito e indicado como professor adjunto, acontecimento científico que lhe rendeu a Ordem do Santo Sepulcro, outorgada pelo Papa Pio IX. Datam deste período algumas de suas principais pinturas, como *São Marcos*, *Visão de São Paulo* e *Cabeça de São Jerônimo*.

Retornou ao Brasil em 1869, passando por Portugal e casando-se com Dona Carlota de Araújo Porto-Alegre (1844-1919), filha de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), então cônsul brasileiro em Lisboa. Com ela teria três filhos e veria a consagração de sua carreira no seu país de origem, após a vitória brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870) e a onda de patriotismo que soube incorporar às suas principais obras. Seu trabalho foi reconhecido em exposições no Brasil e no exterior, em cidades como Florença (onde participou das comemorações do quarto centenário de Michelângelo) e Paris (onde voltou por diversas vezes, em uma delas participando da Exposição Universal de Paris e sendo admitido como membro da Academia de Belas Artes).

Morreu na Itália, no dia 7 de outubro de 1905, depois de perder um filho e ver outros dois caírem doentes. Por ordem do então presidente do Brasil, Rodrigues Alves (1848-1919), e aos cuidados do Barão do Rio Branco (1845-1912), seu corpo foi embalsamado e trasladado para o Rio de Janeiro, onde ficou em exposição no Arsenal de Guerra, antes de ser enviado para João Pessoa e posteriormente depositado no Cemitério São João Batista, em Areia, onde jaz até hoje num mausoléu construído pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB).



Estudo de tipo árabe. Fonte: Wikipédia

## PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE A VIDA E OBRA DO ARTISTA

### Qual é a relevância de Pedro Américo?

Pedro Américo foi o maior artista do período do Academicismo Brasileiro, um sistema de arte que prevaleceu no país entre os séculos 19 e 20, inspirado nas academias de arte europeias e situado no período de vigência do neoclassicismo, absorvendo estéticas do romantismo, do realismo e do simbolismo. Em seu estilo, isso representa uma **técnica sofisticada, com grande atenção ao detalhe**, como observado em suas pinturas históricas: tipo de arte que recria fatos especialmente significativos de uma sociedade, dirigindo-se ao grande público e frequentemente transmitindo o discurso das elites. Sua pintura ressaltou o Brasil como potência militar da América do Sul, contribuindo para uma visão nacionalista que, por vezes, causou algumas polêmicas entre o público e a crítica.

### Então sua obra resume-se a pinturas históricas como o famoso *Independência ou morte*, também conhecido como *O grito do Ipiranga*?

Não, muito pelo contrário. Apesar de ser sua tela mais famosa, datada de 1888, *Independência ou morte* representa apenas uma única faceta da obra de Pedro Américo, na sua fase imperial, que antecedeu sua fase republicana e outras pinturas importantíssimas, como *Tiradentes*

*esquartejado* (1893) e *Libertação dos escravos* (1889). Para além dessas que são pinturas históricas e na verdade **a menor fração de sua obra conhecida**, Pedro Américo também se debruçou sobre temas bíblicos e religiosos, valendo-se da fotografia para auxiliar em sua pintura, com jogos de luz e sombra e contornos extremamente realistas, das quais se destacam a já citada *A carioca* e telas como *Visão de Hamlet* (à qual iremos nos referir mais adiante), inspirado pela peça homônima de William Shakespeare (1854-1916).

### Já sabemos que ele foi um grande artista, mas qual é a sua importância em outros campos do saber?

Como dito, a arte já seria suficiente para colocar Pedro Américo como um dos maiores paraibanos da história, mas, não sendo pouco, ele também se destacou em outras áreas, como a literatura, principal linguagem da **Flirede**. Escreveu ensaios, poemas e quatro romances: narrativas longas como seu livro mais conhecido, *O Holocausto*, que saiu no Brasil em 1882 e se passa na sua cidade natal, Areia. Publicado pela Editora da UFPB em 2016, seu texto está disponível na íntegra em versão digital gratuita, entre as referências ao final deste Guia. Nesse

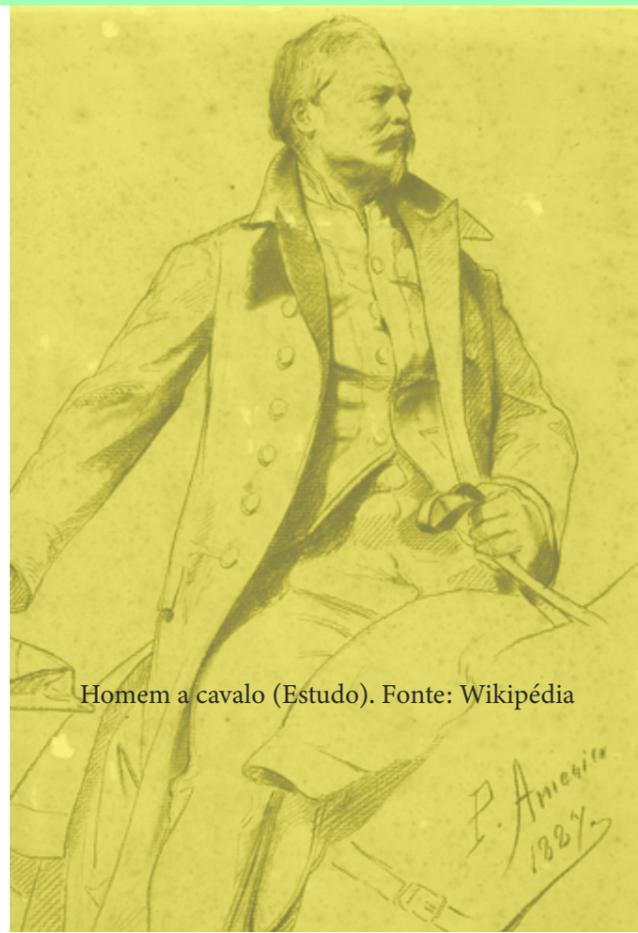


romance, detalhes biográficos são trabalhados ficcionalmente num enredo rocamboloso, de forte apelo dramático. Seus outros títulos são: *Amor d'esposo: narrativa histórica* (1886), *O foragido* (1899) e *Na cidade eterna* (1901). Algumas dessas obras também estão entre as referências, podendo servir de fonte de consulta e inspiração para atividades que explorem a riqueza do universo pedro-americano em sua plenitude. **Só não vale confundi-lo com o escritor José Américo (1887-1980), tá?** Este viveu muito tempo depois e, diferente do que muitos pensam, não era parente de Pedro, apesar de ser também de Areia e ter se destacado na literatura com o romance fundador do Modernismo: *A Bagaceira* (1928).

**Por que, apesar de tão respeitado, Pedro Américo é considerado um artista tão controverso?**

Porque, apesar de sempre afirmar sua independência intelectual, posicionando-se em prol da República e da democracia desde muito cedo, Pedro Américo contribuiu com o governo imperial e ajudou a construir uma visão ufanista do Brasil que, segundo alguns críticos, não corresponde à realidade do país à sua época. A questão da verossimilhança em seus quadros é, por sinal, fonte de muitos debates entre artistas e historiadores, levantando questionamentos quanto a liberdades estéticas e valores éticos na compreensão de uma obra de arte também como testemunho de um tempo, num período em que a fotografia (que ele chegou a usar como ferramenta de criação) ainda não era uma arte tão popular quanto é hoje. As polêmicas, como as eventuais acusações de plágio (que trataremos especificamente no **Manual de Bibliotecas** e

na **Oficina Antiplágio da Flirede**), entretanto, não parecem desmerecer sua obra magistral, mas enriquecer perspectivas em torno dela e do consenso sobre o seu papel na memória e na cultura brasileiras. Aliada à figura de um homem à frente dos seus contemporâneos, que em termos de versatilidade foi para o Brasil uma espécie de Leonardo da Vinci (1452-1519) pelos seus dotes também na ciência, na arquitetura, na política e na filosofia, o legado de Pedro Américo torna o seu repertório iconográfico talvez o mais representativo da arte brasileira aos olhos do mundo.



Homem a cavalo (Estudo). Fonte: Wikipédia



Independência ou morte (1888). Fonte: Wikipédia

## TRABALHANDO UM "OUTRO OLHAR" NA OBRA DE PEDRO AMÉRICO

**Como então podemos trabalhar as múltiplas facetas da obra de Pedro Américo em nossa produção?**

O **primeiro passo** é atentar para esse leque de possibilidades que, como diz o pesquisador Thélío Queiroz Farias em sua biografia *Além do Ipiranga: a extraordinária vida de Pedro Américo e suas incontáveis facetas*, abre-se em muitas vertentes, da arte (que vai além do quadro *Independência ou morte*) para a sua impressionante biografia (menino paraibano, do interior, que ganhou o mundo com o seu talento), passando por diversos ângulos de seu trabalho, como a própria literatura (que já comentamos aqui), a teoria da arte (foi autor

de diversos ensaios e textos críticos sobre arte e estética) a política (foi autor de *Discursos parlamentares*, livro de 1892 no qual faz algumas críticas ao poder público, defendendo a criação de museus e universidades, além do ensino público e gratuito), a ciência (foi um dos primeiros brasileiros a obterem grau de Doutor numa universidade, em Ciências Sociais), entre outras muitas nuances possíveis de serem abordadas.

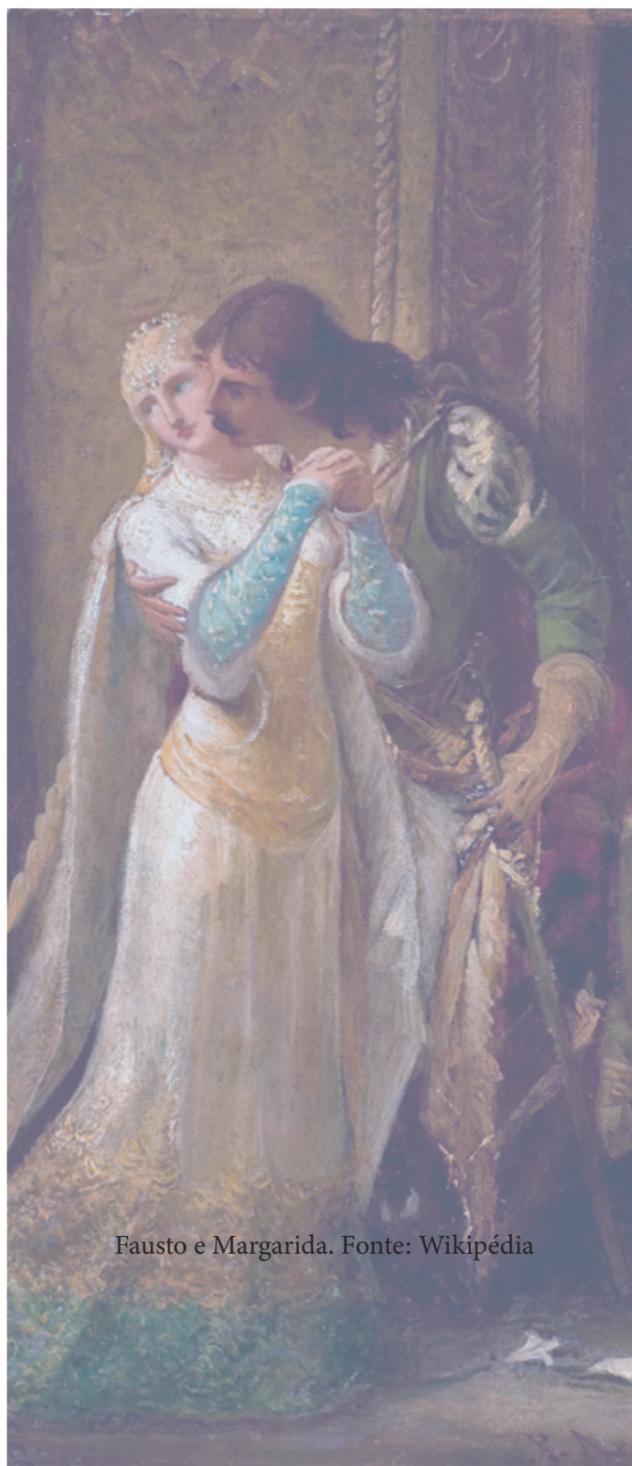
O **segundo passo** é provocar o inter do estudante mostrando Pedro Américo como um igual, um menino que começou sua carreira fazendo esculturas com sabão, aprendendo sua arte de forma autodidata, desenhando familiares e pintando paredes em Areia como a



fachada de uma mercearia que exibia um galo e impressionou os moradores pelo seu realismo, imagem hoje perdida depois de sucessivas reformas arquitetônicas na cidade. Vale propor os desafios de estudar sua biografia, analisar os seus quadros, encená-los e entender a história que eles estão contando, respeitando as condições do aluno;

O terceiro passo é estimular criatividade e a liberdade de usar diversos recursos, desde que eles se liguem a detalhes da vida ou da obra de Pedro Américo. Não precisa ficar preso ao *Grito do Ipiranga*. Podem-se agregar outras obras, como as religiosas, e até outras técnicas: como a caricatura (uma arte que evoca o humor e a possibilidade de criticar ou desconstruir figuras de autoridade, vilões, a partir de traços mais exagerados e risíveis). Vale também trazer os textos escritos, bem como detalhes da biografia que possibilitem discussões atuais, como a questão da educação de qualidade, pública e gratuita, que Pedro Américo defendia; a sua formação, feita em instituições de ensino; as suas aventuras (como o naufrágio do qual sobreviveu); e mesmo a sua morte (decorrente da devoção pela sua arte, intoxicado pelas mesmas tintas que proporcionaram sua glória). Uma outra ideia é pensar como Pedro Américo retratou em sua obra uma identidade com o seu lugar: na literária, o cenário de Areia; na pictórica, cenários brasileiros.

Outro ponto importante é manter o rigor nas produções, não subestimar a capacidade de inteligência e aprendizado dos alunos. Ter segurança e dar a eles segurança em suas ações para que a culminância tenha brilho e todo o trabalho tenha êxito.



Fausto e Margarida. Fonte: Wikipédia

## ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL [1º AO 4º ANO]

Com estudantes dos Anos Iniciais é importante trazer para as produções elementos lúdicos, a fim de associar a figura do artista aos poemas e ilustrações. Exemplo: evocar os primeiros anos da biografia de Pedro Américo, seus desenhos, autorretratos, as caricaturas que fazia de sua família, as esculturas em sabão e as pinturas nos muros, que impressionaram os adultos, podem se comunicar com as experiências dos estudantes num mundo feito pelos mais velhos para os mais velhos, em que um jovem consegue conquistar o seu protagonismo, como um herói-mirim. Assim, a figura do menino-prodígio, do “Papa Medalhas”, pode aproximar mais do que distanciar os estudantes, fortalecendo um senso de esforço e de competitividade, e a visão de que é possível abrir portas com muito estudo e dedicação, mesmo vivendo em uma vila como o pequeno Pedro, filho de comerciantes, sem um “berço de ouro”. A HQ *Pedro Américo em quadrinhos* (Patmos Editora, 2015), do escritor Bruno Gaudêncio, com ilustrações de Flaw Mendes, pode ser um trampolim para o universo pedro-americano, para a afirmação de um vínculo entre os estudantes, seu tempo e o seu lugar, projetando na sua realidade a do menino Pedro, que ganhou o mundo inteiro partindo de Areia, “cantando a sua terra” e contando a sua história. Enfim, elementos que, num exercício de imaginação, podemos traduzir para o universo infantil, fazendo a criança se identificar com o Pedro criança.

## NO ENSINO MÉDIO E NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS [EJA]

Pode-se optar ainda por trabalhar temáticas presentes em sua obra literária, como o da “escrita de si” ou da “autoficção”, na medida em que Pedro Américo incorporou em suas obras, como *O Holocausto*, detalhes autobiográficos que foram ficcionalizados. Assim diz Pedro Américo na introdução de seu livro de estreia: “Inspirada da viva recordação de fatos em grande parte sucedidos na minha presença, ou na de amigos dignos do maior crédito, a história da singular existência que procurei aqui esboçar, servirá para demonstrar o quanto tem a nossa sociedade progredido neste último quarto de século, e, ao mesmo tempo, o quanto ainda lhe resta a caminhar para merecer o incomparável país que Deus lhe assinou por cenário. E se isto servir, será por incapacidade minha, e jamais por falta de magnitude no assunto”. O trecho deixa claro esse flerte com a realidade e seu potencial em se comunicar, em primeira instância, com a realidade da comunidade em que vivemos e, em última instância, do país onde vivemos.

## PRIMEIRO CAPÍTULO DE O HOLOCAUSTO [1882]

### ENJEITADO

No pendor oriental da serra da Borborema, e não muito longe das deliciosas veigas que banha o rio Paraíba, está assentada a modesta e graciosa Areia. Edificada no dorso de uma das eracíssimas colinas que juntas formam um como imenso barrocal, e começando das planícies marítimas vão se elevando pouco e pouco até as maiores alturas daquela serra, ela descortina por todos os lados, e maiormente pelo do sul, até perdê-los em horizonte mais que diáfano, os tortuosos lombos das penedias adjacentes, ora cingidos pelos úmidos e verdes baixios dos brejos, ora rodeados das alvas areias, ou ainda das gândaras fragosas que, continuando-se até além da parte mais equatorial da cordilheira do Apodi, vão formar os ardentes sertões do Ceará.

De contínuo banhada pelos ventos irregulares das bandas do mar, que lhe fica a mais de vinte léguas ao oriente, sob um céu transparente e

de cor intensíssima, cingida de um verdadeiro Éden de robusta vegetação, Areia impressiona menos aos estrangeiros pelos seus habitantes, cujos costumes são simples e brandos, pelo seu clima temperado e saudável, pelos seus frutos suculentos e saborosos, do que pela formosura de suas mulheres, frequentemente louras, pela sua tendência à elegância e ao progresso, e, principalmente, pela sua situação geológica, eminentemente própria para desenvolver a sensibilidade e a melancolia.

A vida passada na plácida Areia é, com efeito, triste e monótona. Quase invariavelmente iguais às noites em duração, os dias são ali frigidíssimos e sombrios durante o inverno, e no verão radiantes e alegres. Nesta estação, quando o sol, transpondo as últimas assomadas dos mais altos montes do Curimataú, vai atufar-se nos vapores do ocidente, o céu reveste sucessivamente as

Libertação dos Escravos (Estudo) (1990). Fonte: Wikipédia

**TEXTOS DE ACESSO PARA  
UMA "NOVA PERSPECTIVA" EM  
TORNO DE PEDRO AMÉRICO**



mais brilhantes cores do arco-íris. É a hora em que a irradiação sideral começa a refrescar a terra, e principia o mugido dos ventos impacientes da noite. Então a luz avermelhada do poente, resvala pelo cimo das mais altas fragas, encontra perpendicularmente os muros das pequenas habitações de Areia, e presta-lhes, quando considerados de longe, o aspecto de algum desses castelos da Idade Média, cujos tetos ameaçados refletiam até o amanhecer os fogos das atalaias noturnas. E esse efeito é completado por uma gameleira gigantesca, que se ergue na parte mais alta da cidade, formando uma espécie de mole escura e quadrangular, semelhante à torre antiga, vestida de musgo, ou denegrida pelo roçar dos séculos.

Cinco minutos depois apagam-se os derradeiros esplendores diurnos, e os astros da noite derramam sobre a terra a claridade dos seus raios de estanho. Não obstante o albor das nebulosas e o cintilar das grandes constelações do firmamento tropical, ou o clarão da luz zodiacal, que sucede imediatamente aos fulgores solares, e que só por si bastaria para reduzir a noite a um simples crepúsculo, Areia é então soturna e tétrica se, todavia, os raios da lua, mais claros ali do que nas planícies orientais da Província, lhe não vierem prestar seu pálido brilho. Sem nenhuma das distrações noturnas próprias dos grandes centros de população, sua vida parece estancar com o cair do dia, para recobrar alento aos primeiros alvares da antemanhã, e tornar a extinguir-se com o sopro do último zéfiro da tarde seguinte.

No outono as tardes ainda são serenas, porém quando chega o inverno tornam-se tão aterradoras, que os habitantes de Areia

nem por sonho ousam sair de suas casas. É a estação dos relâmpagos ofuscantes, dos trovões medonhos, das ventanias arrasadoras e das chuvas torrenciais. Às vezes as nuvens caminham pelo céu do ocidente para o oriente, isto é, contrariamente à sua marcha ordinária: Os areenses dizem então que elas marcham em “recuada”, e acautelam-se como se estivessem contemplando a fuga de um exército derrotado. É que a tempestade não tarda, e a tempestade naquelas altitudes é como o ciclone, que arranca as árvores, arrasa os plantios, derriba os muros, suspende o despenhar das torrentes e esboça os visos das montanhas. Quando ela passa, deixa revolvidos os canaviais, inundados os vales e as planícies, transformados os ribeiros em rios caudalosos, abertos algares na terra, despojadas as árvores dos seus frutos e das suas folhas, e recolhidas aos seus

antros as feras assombradas. Há ali noites de inverno em que as cabras, reunidas em bandos, vêm berrar nas frentes das casas, como se pedissem socorro; os touros, fugindo de suas agrestes malhadas, atravessam as ruas urrando desesperadamente; os gatos miam e pinoteiam sob a influência da eletricidade decomposta em seus nervos e acumulada em sua pele; e, finalmente, os mochos e os morcegos, deslumbrados do relampejar incessante, abatem-se pelos telhados e crocitam atônitos até passar a tormenta!

Pelo expirar de uma dessas noites pavorosas, os habitantes mais próximos à grande gameleira ouviram uns vagidos de criancinha que parecia abandonada. Aplicaram o ouvido às frestas das janelas, e escutaram. Cortava o coração! Aterrado pela fúria da ventania, açoitado da

chuva e traspassado do frio, o inocente esvaía-se em prantos!

Quando amanheceu, abriram timidamente as portas e foram vê-lo: era um robusto menino de três ou quatro dias. O pobrezinho estava rouco de chorar, e a friagem da chuva penetrava-lhe até a medula dos ossos.

De onde viera e quem seriam seus pais, eis o mistério que só desvendaremos quando, pelo tempo adiante, tivermos de contar história diversa e, porventura, tão comovente como aquela que motivou este livro. A finura porém da roupa em que vinha envolto o recém-nascido, persuadia que a miséria era estranha àquele fato desumano.

Levaram o menino para a casa de uma família abastada, onde havia muitas crianças e muitos escravos, e ali enxugaram-no, mudaram-lhe a roupinha, e deram-lhe a mama consoladora. A mulher, porém, que primeiro o recebeu em seu seio tinha um filho de peito, a quem o doce alimento não bastaria se fosse repartido entre dois. As escravas que tinham leite estavam quase no mesmo caso: no curto espaço de seis dias o inocente se havia alimentado sucessivamente em seis mulheres, e teria visto, se soubesse discernir, o quanto é diverso do maternal o peito estranho. Ao cabo desse breve lapso de tempo, nenhuma delas estava mais disposta a fazer o sacrifício. Convinham em que a criança era bonita, mansa, e parecia filha de gente fina, mas achavam-na demasiado gulosa, e cada qual descobria melhores pretextos para esquivar-se da importuna caridade.

Uma escrava de melhor coração condeou-se do inocente, e tomou-o a si. Chamava-se Bárbara. Suas entranhas tinham gerado doze filhos, e ela os vira sucessivamente morrerem sem os poder amamentar, porque seu leite era prezado e reservado aos filhos de sua senhora, que apesar de robusta reputava-se de uma constituição debilíssima. Por esse tempo, porém, já a fecundidade da escrava tinha cessado, e com ela o benigno fluido dos seus seios.

Entretanto, o inocente chorava e emagrecia, sem que fosse possível à pobre Bárbara – sobre quem recaía a parte mais dura do serviço da casa – achar-lhe um alimento conveniente e regular.

Até que um domingo, em vez de ir à missa, pegou no enjeitado e foi à várzea.

A várzea é um delicioso vale matizado de gramíneas, mimosas e malvas agrestes, e ombreado de jaqueiras, pitombeiras e outras árvores frutíferas, distante de Areia duas milhas, e onde naquele tempo residia e tinha engenho o doutor Araruna, homem de merecimento político, e senhor de muitos bens.

Quando Bárbara voltou, as parceiras puseram-se a rir daquilo a que elas chamavam: “paciência de quem não tem filhos.” E ela ria também, porque estava contente. Tinha encontrado o que desejava: uma cabrinha mansa e acostumada a dar a teta aos moleques do engenho. O inteligente animal estava tão bem ensinado, que acudia, de onde estivesse, ao menor vagido da criança, em cuja boca punha o ubre até a sentir adormecida.



No domingo imediato a generosa escrava levou-o à pia batismal, dando-lhe o nome do último dos seus filhos, Miguel, e por padrinhos Nossa Senhora e São José. De volta para a casa, pôs-lhe ao pescoço uma fita azul com uma figa de coral, “para que lhe não pusessem olhado”, e tornou para o trabalho mais satisfeita do seu dia.

Durante três meses Miguel cresceu e engordou. Quis porém a fatalidade, que uma circunstância casual interrompesse a paz daquela cândida existência. Não é história muito longa. Por aquela época andava em missão religiosa pelo interior da Província um capuchinho veemente e fanático. A sua palavra convertia os incrédulos, excitava o entusiasmo dos crentes, e ateava o fogo do ascetismo ao peito das multidões. Demais, na imaginação popular, o franciscano além destas virtudes possuía a de afugentar o demônio, suspender os penedos pelo simples impulso da sua vontade, tirar serpentes do seio das esposas adúlteras, e acender ou aplacar a cólera divina, conforme bem lhe parecia.

Quando, à noite, via do púlpito correr pelo céu alguma bólide, estendia os braços para cima, espalmava as mãos e, tomando uma postura trágica, implorava misericórdia para a multidão de pecadores que tinham observado o ameaçador asteroide. E como este desaparecia rápido, ficavam todos convencidos que acabavam de assistir a um incontestável milagre.

Ora, quando aquele frade chegou à Areia, já a fama de semelhantes virtudes e fatos extraordinários trabalhava na imaginação pública, e não havia quem não desejasse ver o santo! para começar a viver na graça divina. Como a

coisa de que mais ele curava eram as relações íntimas do homem com a mulher, das quais, conforme pretendia, resultavam os demônios que habitam o mundo e perdem as almas, ordenou logo que durante as suas prédicas os homens e as mulheres formassem dois povos distintos, divididos um do outro por um largo espaço limitado de cada lado por uma barreira insuperável.

Imagine o leitor as consequências da separação repentina de oito ou dez mil mulheres – de temperamento ardente e meridional – dos seus maridos, ou dos seus parentes varões, às dez horas da noite e em uma terra sem iluminação nem polícia!

Uma vez estava o frade em cima do púlpito a descrever a fealdade física do demônio, quando aparece berrando no meio do povo a cabra que amamentava Miguel.

– Ei-lo aqui, mata-o! – foi o grito sinistro que ecoou nos ares, enquanto a multidão se erguia, e num redemoinho indescritível rolavam uns sobre os outros os vultos em desordem. Uma das primeiras cacetadas tinha quebrado um dos cornos do animal, que ganhara assim quanto lhe faltava ainda, para que a figura de uma pobre cabra espantada pudesse realizar o tipo medonho do anticristo.

– O diabo com um chifre só! – gritou o povo; e logo após:

– Mata-o! Cruz, capeta! E a mãe do diabo também aqui!

Para encurtar a narrativa, bastará dizer que daí a poucos segundos a cabra estava morta, e a preta Bárbara, que corria atrás dela para a salvar, caía sem sentidos sob os golpes daquela gente fanatizada pela palavra e, principalmente, pelas artimanhas do caviloso barbadinho.

Quando a preta restabeleceu-se das contusões, Miguel havia emagrecido consideravelmente; cuidou então ela em nutri-lo de batata roxa, banana, mel de abelhas, e outros alimentos com que se criavam os negrinhos nas casas abastadas. Depois folgou de ver que a criança engordava, crescia e tornava-se cada vez mais bonita.

Doía-lhe, porém, que sua senhora, que ostentava grande piedade pelas coisas de Deus, não permitisse ir à sala aquele inocentinho, cuja beleza eclipsava tudo quanto ela reputava inexcedível nos seus próprios filhos.

Por seu lado estes, mais crescidos e de uma índole má, não perdiam ocasião em que pudessem exercer no infeliz Miguel a tirania própria de tal idade. E a soberba senhora achava uma graça indizível naquelas malignas gentilezas, em que seus filhos já iam mostrando o que tinham de ser mais tarde. Um dia, irritada de ter ouvido gabar-lhe a perfeição física, mandou raspar-lhe a cabeça, e vestir-lhe uma camisa de algodão grosso, para esconder-lhe as graças do tenro corpinho.

Bárbara sentia tudo isto doer-lhe na alma. Não podendo, porém, expandir a sua mágoa, vingava-se em cobri-lo de beijos e o rodear de carícias quando, depois dos trabalhos do dia, o levava consigo para a cama. Até essa consolação faltou a ambos.

Fanatizada pelos discursos do frade, a beata matrona descobriu lá pra si que era pecado deixar dormir perto de seus filhos um ente que, provavelmente, nascera de algum criminoso, e logo o separou da escrava, cujo leito era uma simples esteira de piripiri posta no chão de um cubículo contíguo ao quarto onde dormiam os prezados meninos.

Finalmente, porque a criança estranhou a aspereza e o mal hálito do leito em que o puseram, chorou toda a noite. Ela, furiosa de raiva, levantou-se ao romper da aurora, flagelou-a desapiedadamente, e volvendo-se para a escrava, que, ajoelhada a seus pés, implorava a compaixão para o inocente, declarou-lhe que não queria mais vê-lo um só dia em sua casa, ameaçando de o mandar atirar aos porcos, se antes da tarde não o visse sair pela porta afora.

Foi um dia aziago para a pobre escrava, mas, graças aos seus esforços, pelo entenebrecer era Miguel levado à várzea, onde uma mulata idosa, que tinha três filhos já crescidos, se incumbira de o criar, em troca de um cordão de ouro, um grande coração do mesmo metal esmaltado, e uma cruz de prata dourada, que mandara oferecer-lhe a generosa Bárbara, privando-se assim do único tesouro que possuía e que lhe recordava os dias mais felizes da juventude.

**Nota:** repare a descrição que Pedro Américo faz de sua terra natal Areia, com um estilo naturalista, muito em voga em sua época. Miguel, o personagem que nasce neste capítulo, mais tarde se tornará Agavino (apelido que vem de “filho do agave”, ou seja, de alguém enjeitado, sem pai nem mãe). Eis o *alter ego* de Pedro Américo no livro: apesar de não ser órfão,



tal qual Pedro, o herói demonstra desde cedo um pendor pelo desenho. O romance narra a sua paixão impossível por Palmira, e tem esse título porque, por várias vezes, ao longo do livro, Agavino refere-se ao seu amor como um “sacrifício” aos céus. Vejamos:

“E, demais, viver para chorar a sua querida Palmira, sofrer por amor de sua memória, oferecer-se em **holocausto** aos Céus, onde porventura lhe seria dado encontrar-se com aquela que soubera passar tão pura e tão angélica por este charco de podridão e torpeza, pareceu-lhe um sacrifício necessário e suave.” (página 277)

“Sem ti sinto na vida o braço da morte a arrancar-me as entranhas da existência, para lançá-las ao abismo da destruição. Sem ti, eu, mártir sem fé, **holocausto** sem objeto nem altar, não sou mais que um grande desgraçado!” (página 326)

“Coisas que ele havia descoberto reunidas no cérebro daquele que, como vimos, foi durante a vida inteira um inimitável modelo de virtude, e que, em lugar de transigir com as seduções e os gozos ofensivos à pureza da consciência e do dever, preferiu sempre – sem temor das penas do inferno nem preocupação das celestes recompensas – oferecer-se em perpétuo, holocausto aos eternos e sacrossantos princípios do verdadeiro, do justo e do belo!” (página 434)

Não há, como vemos, nenhuma relação com o holocausto judeu (hoje chamado de Shoah, já que “holocausto” tem um sentido ritualístico voluntário e pouco correspondente ao massacre impetrado pelos nazistas). A princípio, a asso-

ciação não seria possível sequer temporalmente, já que o romance é do século 19 e a Shoah foi no século seguinte.



Retrato de Silvino de Almeida Brito. Fonte: Wikipédia



Dom Pedro II na Assembleia Geral (Fala do Trono) (1872). Fonte: Wikipédia

## POEMAS DE AUTORIA DE PEDRO AMÉRICO



# A NOITE NO CASTELO

Desce da noite a sombra pavorosa,  
Negreja a ruína; o mocho solta o pio;  
Na mata zune o vento rijo e frio;  
Gela no seio a lágrima piedosa.

Ouço, ao longe, da velha Catedral  
A voz do bronze, e perto, pela ogiva  
Coar a melodia fugitiva  
Da harpa eólica mesta e sepulcral.

Por entre as negras cisma do pinhal  
Diviso incerto o vulgo esbranguiçado  
De nobre cavaleiro namorado  
De alguma terna amante divinal...

Será fantasma? Qual! O espaço escuro  
O medo gera; e bem considerado

O vulto é loura imagem do futuro  
Por entre as tristes fúrias do passado.

Ao Passo que suspira pelo dia  
Pobre mancebo cheio de pavor,  
Reza o monge talvez, dorme o guerreiro,  
Sonha a pura vestal com o Criador,

E meu pensar veloz e cismador,  
Qual mariposa incauta e erradia,  
Foge da terra em busca de alegria,  
Queimando as asas no ideal do amor!

**Nota:** este poema, segundo Thelio Farias, é de natureza autobiográfica, relatando a sensação de medo que o autor experimentou quando se perdeu na Floresta Negra, na Alemanha.

# POEMA PRESENTE NO ROMANCE O HOLOCAUSTO

Só eu não tenho esperança  
Que me atente o coração;  
És de gelo, e eu cratera  
Ao referver do vulcão.

A louca, perdida Amor,  
Do gigante perseguida,  
Erra em busca da ventura  
Nos teus olhos escondida.

Sob a nega cabeleira,  
Sob o peito do gibão  
Tens a mente endurecida,  
Escondes a ingratidão.

Só eu não tenho esperança  
Que me alente o coração;  
És de gelo, e eu cratera  
Ao referver do vulcão.

**Nota:** este poema é de autoria de Pedro Américo mas aparece em meio à prosa de *O Holocausto*, sendo escrito pela personagem Rachel, uma cigana apaixonada por Agavino, que não corresponde ao seu amor, sendo ele apaixonado por outra personagem: Palmira.



## OUTRO POEMA DA CIGANA RACHEL:

Já não tenho esperança  
Que me alente o coração;  
Foste gelo e eu cratera  
Ao refterver do vulcão.

Ingrato, vil e maldito,  
Que me quebraste a existência  
Tive a ti o desprezo:  
Do céu tivesse a inclemência.

Rogou-te a praga fatal  
Minha mãe na inspiração:  
Foste o brinco da virtude,  
E no mundo a execração.  
No meu ser plebeu, humilde  
Venci-te, e venci-te a amante;  
Ela foi monja deveras,

E eu só o fui de um instante,  
Ao amor que te jurou  
Amaste a monja infiel:  
Desfrutu-a Ruines Gama.  
Enquanto libavas fel.

**Nota:** Ruines Gama é outro personagem do romance, rival de Agavino.

## POEMA PRESENTE NO ROMANCE NA CIDADE ETERNA [SONHO DE JUVENTUDE]

Porque primaveril, maga princesa.  
Te envolves já do inverno no rigor.  
Porque tão exornado de beleza  
Gela teu corpo, foco de calor?

Porque quando em redor, de rósea cor  
Tudo se veste à luz da Natureza  
PRIMAVE, que foi feita para o amor,  
Aflita se consume na tristeza?

Porque n'uma Sibila negro Fado  
Mudou-me em tenra idade, porém quando  
Erato já me havia incendiado...

Então li no Futuro, e com terror  
Senti que jovem, bela, amada, amandom  
Havia eu sido feita para a Dor

**Nota:** este poema, de veia lírica, evoca Erato, uma das musas da mitologia grega, filha de Zeus, considerava musa da poesia romântica, representada sempre com uma lira empunhada.



# POEMA SATÍRICO PUBLICADO NA REVISTA COMÉDIA SOCIAL:

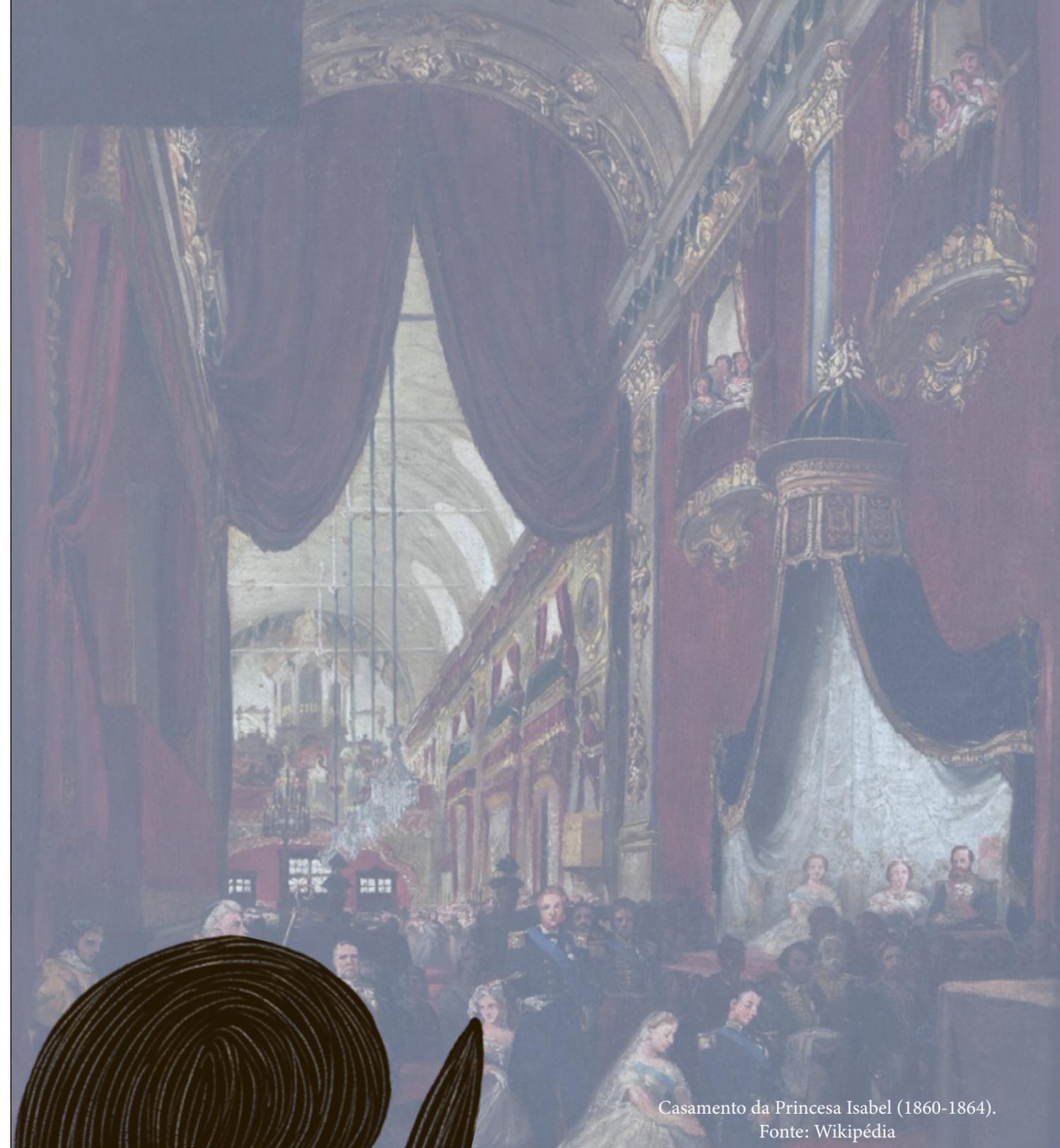
Foi um dia um rei peludo,  
Era um guerreiro profundo;  
Descontente do seu reino,  
Quis reinar em todo o mundo.

Partiu logo para a guerra;  
Feriu, matou, mas perdeu;  
E contam que depois disto,  
O Rei desapareceu.

Foi um dia um rei barbudo,  
Era velho mas jucundo;  
Quiseram comer o rei,  
Ele quis comer o mundo.

Partiu logo para a guerra,  
Feriu, matou e venceu  
Mas dizem que num combate  
O mano do rei morreu!

**Nota:** este poema foi publicado junto com a caricatura do rei da Prússia Guilherme I e cita a morte do irmão do monarca na guerra franco-prussiana, registrando a vitória prussiana que resulta na unificação da Alemanha e a deposição do imperador Napoleão III.



Casamento da Princesa Isabel (1860-1864).  
Fonte: Wikipédia



## CARICATURAS DE PEDRO AMÉRICO:



O artista, num autorretrato caricatural  
(Fonte: Wikipédia)

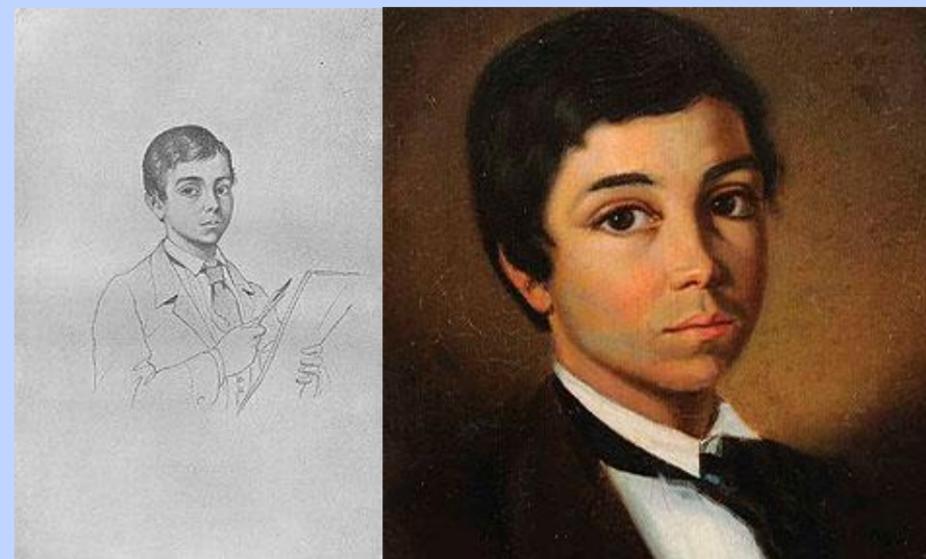


Caricatura retratando José de Alencar e  
Visconde do Rio Branco (Fonte: facebook.  
com/brazilimperial)



O artista, em mais um autorretrato caricatural  
(Fonte: Wikimedia Commons)

## DESENHOS:



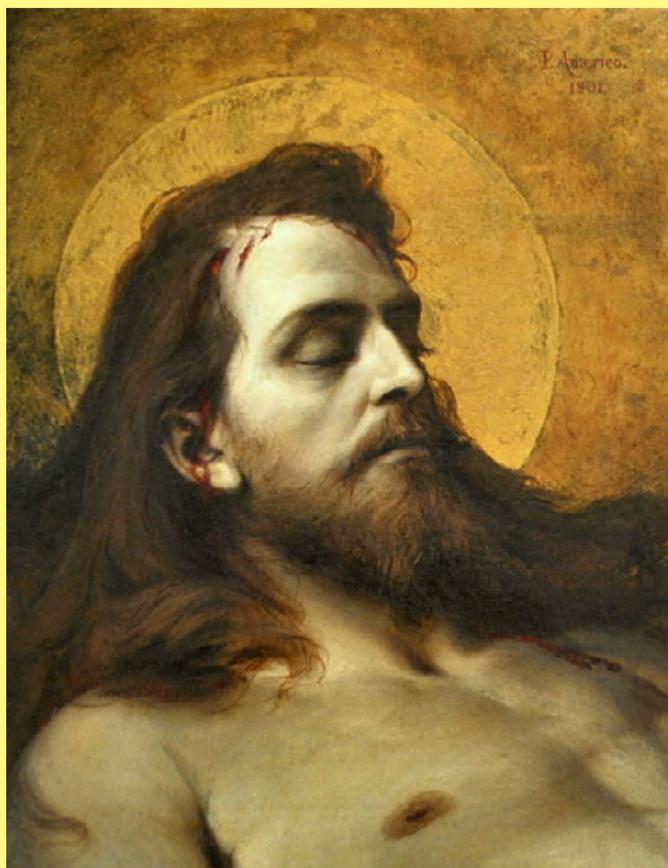
Autorretrato feito pelo artista quando tinha onze anos de idade e que serviu de base para futura tela (Fonte: Wikipédia)



Estudos feitos por Pedro Américo para seus quadros (Fonte: Wikipédia)

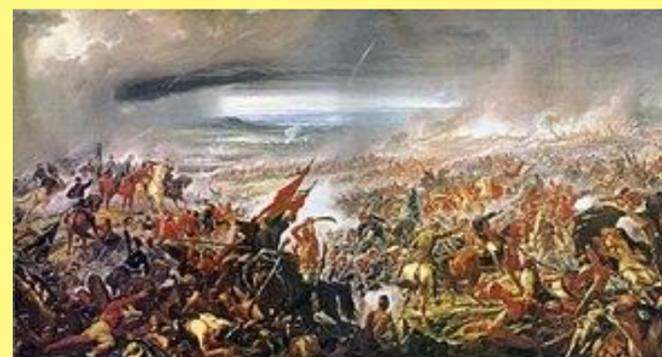


## PINTURAS:



Cristo morto (1901). Fonte: Wikipédia

**Nota:** eis um exemplo da pintura bíblica de Pedro Américo. Repare no jogo de luz que o pintor faz ao retratar o tema clássico do corpo de Cristo. O quadro encontra-se em exposição em Areia, no Museu Casa de Pedro Américo.



Batalha do Avaí (1872-77). Fonte: Wikipédia

**Nota:** em exposição no Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro, com réplica na antessala do Museu Casa de José Américo, esta pintura a óleo retrata a Guerra do Paraguai com grande riqueza de detalhes.

### Detalhes:



Autorretrato de Pedro Américo como “soldado 33”, na Batalha do Avaí (Fonte: Aventuras na História)



O horror estampado na face de um paraguaio  
(Fonte: Aventuras na História)



Entre os civis, uma mãe protege seus filhos acompanhada de um idoso cego  
(Fonte: Aventuras na História)



O medo também está estampado na face dos animais (Fonte: Aventuras na História)



O símbolo da vitória: um soldado de Duque de Caxias tomando a bandeira de Portugal resume o motivo do quadro (Fonte: Aventuras na História)



Cristo com a Coroa de Espinhos (1885). Fonte: Wikipédia

## DATAS IMPORTANTES

### 21 DE MARÇO

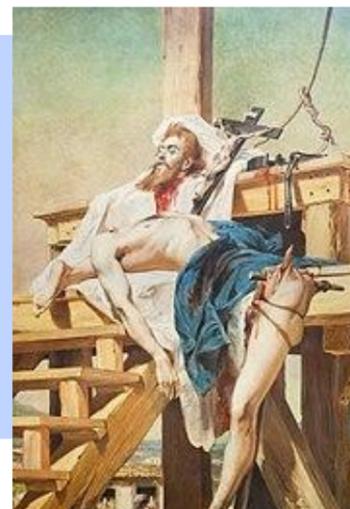
#### Dia da Poesia

Na edição passada da Flirede, em homenagem a Augusto dos Anjos, o Dia da Poesia foi o escolhido para o lançamento dos três livros da festa, no Espaço Cultural, em João Pessoa. A data pode servir de inspiração para ações nas escolas com saraus e declamações de poemas inspirados no universo pedro-americano, na medida em que o poema é um dos eixos da Fliredinha (Anos Iniciais do Ensino Fundamental), ao lado das ilustrações.

### 21 DE ABRIL

#### Dia de Tiradentes

O ícone da Inconfidência Mineira foi retratado por Pedro Américo no quadro **Tiradentes esquartejado (1893)**, no qual a face do mártir é reconhecida pela similaridade com a do Cristo Morto (apesar do indício de que Tiradentes tenha sido executado com cabelo e barba raspados), e haja referências na composição de outras obras de outros pintores, como a Pietá (1602-1604), de Michelangelo (1475-1564). A data é uma ótima ocasião para se estudar a imagem e discutir o evento histórico.



Tiradentes esquartejado, 1893 Fonte: Wikipédia

### 23 DE ABRIL

#### Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor

Data instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) para celebrar o livro, incentivar a leitura, homenagear os autores e discutir seus direitos legais, o Dia Mundial do Livro (que ocorre na efeméride coincidente da morte de **Miguel de Cervantes** e **William Shakespeare** - dramaturgo que inspirou Pedro Américo em sua leitura de Hamlet) pode ser uma oportunidade para trabalhar os livros de Pedro Américo em sala e para falar de questões como o **plágio**, tema de uma das oficinas este ano.

### 29 DE ABRIL

#### Dia do nascimento de Pedro Américo

Em 2023, comemoramos os 180 anos de Pedro Américo, que nasceu no final de abril de 1943, quando Areia era ainda uma vila “pequena, pacata e provinciana”. A data foi tema de festival na cidade, que teve a **1ª edição do Festival Pedro Américo de Jovens Talentos**, com programação de palestras, oficinas, apresentações e outras atividades. É bom ficar atento ao calendário cultural, quem sabe uma segunda edição do festival não ocorra em 2024...



## 16 DE MAIO

### Dia do cientista

Bacharel em Ciências Sociais e doutor em Ciências Naturais, Pedro Américo pode ser celebrado também pelo seu papel como cientista, numa época em que precisamos combater o negacionismo científico e dar visibilidade ao papel da ciência na sociedade, com o advento de vacinas, tema tão atual após a Pandemia do Covid-19 e seu impacto mundial.

## 7 DE OUTUBRO

### Dia da morte de Pedro Américo

Estamos às vésperas dos 120 anos do falecimento de Pedro Américo, que morreu no dia 7 de outubro de 1905, em Florença, na Itália. Como outros artistas dedicados, a exemplo de **Van Gogh (1853-1890)**, **Goya (1746-1828)** e **Portinari (1903-1962)**, Pedro Américo morreu em decorrência da intoxicação pelo uso das tintas que manipulava para pintar suas telas. Isso se dá em virtude do chumbo, então presente na composição de algumas tintas, e que levava a males como o saturnismo ou ao plumbismo (do latim *saturnus*, nome que os alquimistas davam ao elemento químico).



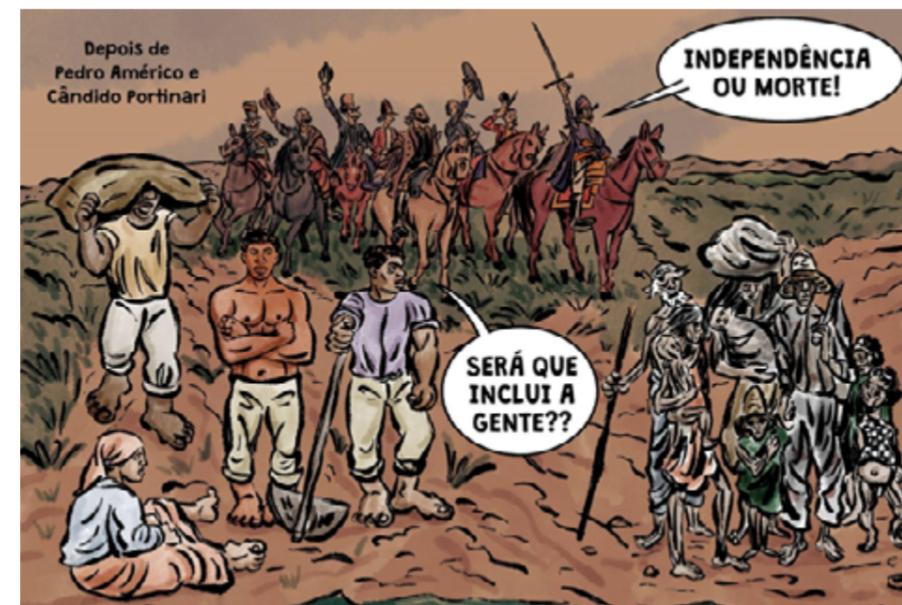
Retrato de Dom João IV, Infante, Duque de Bragança (1879)  
Fonte: Wikipedia

# OUTRAS DICAS



**4ª FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL (FLIREDE)**  
*PEDRO AMÉRICO DAS TELAS ÀS PÁGINAS: 180 ANOS DE HISTÓRIA*

- Estimular os estudantes a criar **clubes de leitura, escrita e rodas de slam**. Eles podem se reunir fora dos horários de aula nas bibliotecas, tornando-as também lugares de socialização e de produção de sentido, para além da fonte de leitura e pesquisa (papel que já lhe é geralmente consagrado), desmistificando a ideia de que “biblioteca é um lugar de silêncio”. As leituras, os temas dos textos e os motes para as apresentações de slam podem ser votadas internamente, entre os integrantes dos clubes;
- Criar uma **Academia de Artes na sala de aula**, tendo Pedro Américo como patrono e as cadeiras de cada estudante com homenageados de livre escolha, entre artistas e figuras célebres que os inspiram, tanto na cidade de cada um como fora dela. As Academias podem promover chás literários e reunir-se também na biblioteca, elaborando regimentos e estatutos, sistematizando eleições e eventos independentes;
- Organizar uma **oficina de arte** motivada pela releitura da obra de Pedro Américo, utilizando recursos como a colagem e o meme (com o auxílio das novas tecnologias) para se apropriar de sua obra e fazer uma recriação ou uma atualização de suas telas, inspirando-se nelas para trabalhar em novas produções originais, com o toque particular e subjetivo de cada estudante;



Exemplo de charge baseada na obra de Pedro Américo pelos artistas Leandro de Assis e Triscila Oliveira. Fonte: Folhapress

- Montar **círculos de debate** em torno de fatos históricos que estão sendo analisados atualmente sob uma nova ótica, como a Independência ou a Abolição da Escravatura, que foram temas das obras de Pedro Américo;
- Fomentar o diálogo entre outras artes, montando por exemplo uma **história em quadrinhos ou um espetáculo teatral** (de fantoches e bonecos ou com atores, encenando) sobre a vida e obra de Pedro Américo, desde sua revelação em Areia até sua morte em Florença, com sua obra já consagrada. Outra ideia que pode atrair os estudantes, tornando essas propostas ainda mais interessantes, é registrar os momentos encenados nas telas em **fotografia** ou em **vídeo**, reproduzindo a arte na “vida real”.



Exposição de exposição com atualizações das obras de Pedro Américo feita por estudantes de Areia/PB. Foto: Rizemberg Felipe

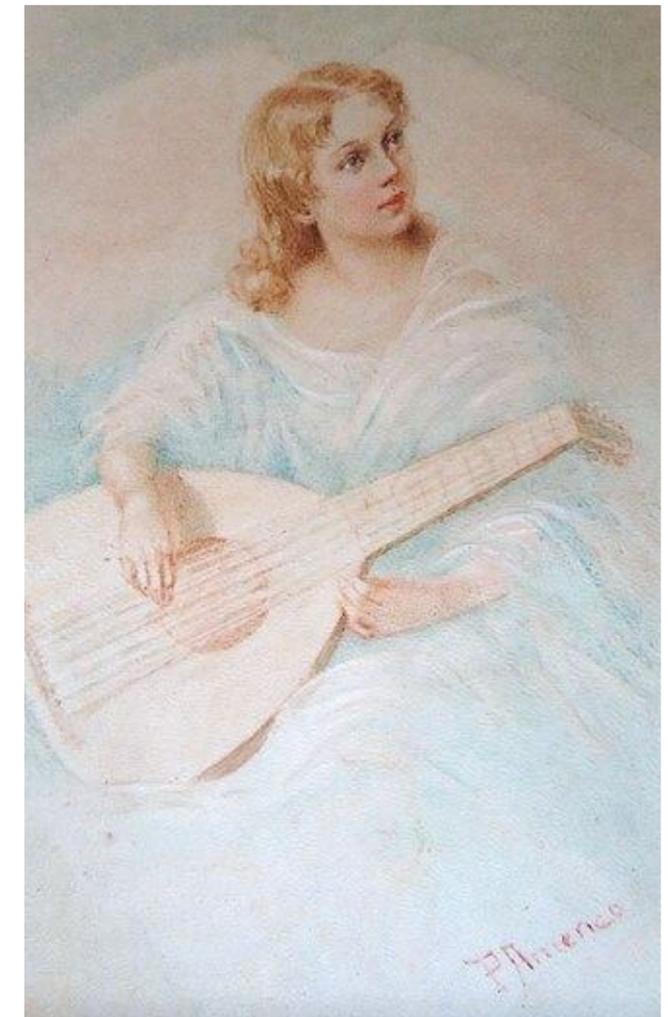


Retrato de Catarina de Ataíde (Dona Catarina de Ataíde)  
(1879) Fonte: Wikipédia

## ARTES QUE DIALOGAM COM A OBRA DE PEDRO AMÉRICO

### MÚSICA

- Em 2017, a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba (OSUFPB) iniciou sua temporada pelo Nordeste com a “Série Pedro Américo”, com concertos dedicados às obras do romantismo musical brasileiro. O romantismo foi um dos períodos mais prolíficos para a música orquestral, tendo como expoentes nomes como Frédéric Chopin (1810-1849), na Europa, e Alberto Nepomuceno (1864-1920);
- Além de ter sido, também, músico (tocava flauta e piano, e chegou a cantar em um coral), Pedro Américo utilizou a música como tema para algumas de suas pinturas, como *Jovem tocando alaúde* (sem data), *Rabequista árabe* (1884), *Violonista montenegrina* (1899) e *Consertador de bandolins* (1893), as três primeiras aqui reproduzidas.



Jovem Tocando Alaúde (Mulher com Instrumento Musical) Fonte: Wikipédia



Rabequista árabe (1884). Fonte: Wikipédia



Violinista Montenegrina (1899) Fonte: Wikipédia

## TEATRO

No quadro *Visão de Hamlet* (1893), Pedro Américo ilustra uma cena da peça *Hamlet* (1509-1601), de William Shakespeare. Assim o descreve Letícia Sé, do Projeto de Educação da Faculdade Cásper Líbero: “O príncipe Hamlet preenche o centro do quadro, de perfil, encostado ao pé de uma coluna branca que fica à direita, enquanto seu olhar está para o lado esquerdo. O personagem está vestido quase completamente de preto, com exceção de uma camisa branca que leva por baixo de seu traje, sendo possível ver dela detalhes no pescoço e nos pulsos. No peito, carrega um cordão de ouro de elos grossos com um pingente também dourado. Na cintura, porta um cinto que tem aparência de couro, no qual se encontra uma adaga. Ele usa um pequeno chapéu também preto, e seus cabelos são loiros, com cachos que repousam sobre seu ombro esquerdo. Tem uma barba curta que emoldura seu maxilar. Está com a mão direita elevada no ar, compondo um gesto com sua boca levemente aberta. Já sua mão esquerda segura uma caveira humana, que encosta em seu peito e antebraço. O lugar parece um jardim, pois ao fundo há árvores, e no chão há uma vegetação curta com algumas flores brancas e lilases. À esquerda, no fundo, encontra-se a figura do Rei Hamlet, pai do personagem central do quadro. Sua figura é completamente branca: pele, cabelos, olhos e traje, o que sugere que ele seja um fantasma. Tem uma coroa levemente dourada sobre a cabeça. É possível ver o céu ao fundo do Rei, tendo a cor alaranjada próxima ao horizonte e cinza escura acima.”



Visão de Hamlet (1893) Fonte: Wikipédia



## AUDIOVISUAL

Várias adaptações audiovisuais que tentam retratar a Independência do Brasil inspiram-se na composição icônica de Pedro Américo em seu mais famoso quadro. Exemplo disso são o longa-metragem *Independência ou morte* (1972), estrelado por Tarcísio Meira (1935-2021), da minissérie *O quintos dos infernos* (2002), protagonizado por Marcos Pasquim, da novela *Novo mundo* (2017), com Caio Castro, e o recente filme *A viagem de Pedro* (2021), em que o astro Cauã Reymond dá o seu toque pessoal a Pedro I (os três primeiros, nas imagens abaixo).



Fonte: Reprodução/YouTube



Fonte: Reprodução/YouTube



Fonte: Reprodução/YouTube

## LOCAIS INDICADOS PARA VISITA NA PARAÍBA:

Cemitério São José (Rua Padre Cincinato, 61, Areia/PB)

Museu Casa de Pedro Américo (Rua Pedro Américo, 66, Areia/PB)

Monumento a Pedro Américo (Praça Pedro Américo, Centro, João Pessoa/PB)



Crédito: Rizemberg Felipe



ALMEIDA, Horácio. Pedro Américo: ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande: EDUEPB; João Pessoa: A União, 2013.

AMÉRICO, Pedro. Amor d'esposo: narrativa histórica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/316>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. O holocausto. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/298>>. Disponível em: 28 dez. 2023.

CALDAS, Phelipe. Autor de "Independência ou Morte", Pedro Américo foi da fome à fama mundial na Europa. G1 Paraíba, João Pessoa, 07 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/09/07/autor-de-independencia-ou-morte-pedro-americ-foi-da-fome-a-fama-mundial-na-europa.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

DOMINGUES, Joelza Ester. Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, uma leitura crítica. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/tiradentes-esquartejado-uma-leitura-critica/>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

FARIAS, Thélío Queiroz. Além do Ipiranga: a extraordinária vida de Pedro Américo e suas incontáveis facetas. Recife: Cepe; João Pessoa: A União, 2022.

\_\_\_\_\_. O genial avô e os talentosos tios de Pedro Américo. Correio das Artes. João Pessoa, jun. 2023. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2023/correio-junho-2023.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

GAUDÊNCIO, Bruno; MENDES, Flaw. Pedro Américo: em quadrinhos. João Pessoa: Patmos Editora, 2015.

RIBEIRO, Maria. No quadro de Pedro Américo, a história da Batalha de Avaí. Aventuras na História, São Paulo, 11 dez. 2018. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/imagens-batalha-avai.phtml>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

TAVARES, Alexandra. Como a Independência ecoou na Paraíba. Jornal A União, João Pessoa, 11 set. 2023. Disponível em: <[https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_paraiba/como-a-independencia-ecoou-na-paraiba](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/como-a-independencia-ecoou-na-paraiba)>. Acesso em: 28 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Pedro Américo. Correio das Artes. João Pessoa, abril, 2023. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2023/correio-abril-2023.pdf/view>>. Acesso em: 28 dez. 2021



Cena do Pintor Como Desenhista (e Cozinheiro) da Missão do Naturalista Brunet. Fonte: Wikipédia



## REFERÊNCIAS



**FLirede**  
FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL

SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO  
DA PARAÍBA**